

UM CONTEXTO DE LEITURA: a biblioteca municipal Emilio Carlos Jourdan – entre patronos e discursos
A READING CONTEXT: the Emilio Carlos Jourdan municipal library – between patrons and discourses

Gisela Eggert Steindel - f2gisa@udesc.br

Doutora em Educação,
Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina

Comente este artigo no blog Ebibli = <http://encontros-bibli-blog.blogspot.com/>

Resumo

O estudo analisa a fundação da Biblioteca Municipal Emilio Carlos Jourdan, um dos contextos de leitura antecedentes à constituição da biblioteca municipal da cidade de Jaraguá do Sul (SC). Neste texto discute-se um modo de criação de uma biblioteca municipal na década de 40 do século XX. Os dados resultaram dos estudos de doutoramento que investigou a biblioteca pública municipal Rui Barbosa neste município. Esta investigação se pautou em alguns pressupostos da História Cultural, mais especificamente, buscou na vertente da Micro-História compreender como em um lugar e um tempo uma dada comunidade constituiu o seu espaço público de leitura. O estudo mostra que essa a biblioteca municipal Emilio Carlos Jourdan, foi fundada em um discurso político-retórico e sem legislação e como consequência não resistira às injunções políticas do seu tempo e lugar.

Palavras-chave: Biblioteca Pública Municipal - História (Santa Catarina). Biblioteca Pública Municipal – Discursos. História do Livro e da Biblioteca – Santa Catarina.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma parte resultante da tese de doutoramento da autora, intitulada “*Dos espaços de leitura à constituição da instituição de leitura pública – conformação da biblioteca municipal de Jaraguá do Sul (SC): discursos e percursos (1937-1983)*”¹ que investigou a biblioteca pública municipal Rui Barbosa na cidade de Jaraguá do Sul, situada no nordeste do estado de Santa Catarina.

O fio condutor desse estudo teve por fundamentos alguns dos pressupostos da História Cultural, definida por Roger Chartier como aquela que tem por principal objetivo identificar o modo como são constituídos os diferentes lugares e momentos de uma determinada sociedade. Para tanto, buscou-se em autores como Chartier (1990, 1996), Certeau (2000), Chartier e Jean Hébrard (1995), Darton (1986), ferramentas múltiplas para se analisar uma realidade cultural e socialmente constituída, buscando apreender esta biblioteca contemporânea.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação/FEUSP. São Paulo, 2005.

O estudo se enquadra, mais especificamente, em uma das novas correntes historiográficas da história cultural, a micro-história. Esta corrente propõe “que a escala de observação produz efeitos de conhecimentos” (REVEL, 1998, p.20). A micro-história não se define pela redução de escala por lidar com objeto restrito, o local e regional. Define-se pelo “jogo de escalas” entre o micro e o macro, onde o micro é o texto, o macro é o contexto; “o micro faz descobrimentos e o macro lhes atribui significados ao localizá-los num contexto” (DOESWIJ, 2000).

Para a investigação foram utilizadas fontes documentais, impressas e orais, optando-se pelo corte cronológico que compreende o período entre 1937 e 1983, respectivamente o ano de criação do Instituto Nacional do Livro – INL e o ano de contratação do primeiro profissional diplomado para atuar nessa biblioteca pública.

Revolver e anotar, à luz de impressos, documentos e depoimentos, como uma arqueologia, a constituição de uma instituição pública de leitura é, também, criar ou produzir um “lugar de memória”, um registro dos gestos imbuídos na criação de lugares sociais da leitura. Souza, em seu ensaio sobre escola e memória, busca uma revalorização desta última. Assinala essa autora que: “Revalorizou-se, sob o conceito de experiência, a memória e a sua relação com a vida prática, mas principalmente se demonstrou a relação entre o trabalho da memória e a emergência e constituição de um sentimento de identidade” (SOUZA, [2000], p. 15). A identidade não estaria calcada em uma categoria do real, ressalta a autora: “[...] mas no campo do simbólico, uma vez que a memória cria um imaginário histórico, definido pela apropriação pessoal e pela doação de um sentido peculiar a uma determinada trajetória de contato e de construção de um patrimônio cultural comum”.² Essa autora, conclui o parágrafo citando Jürgen Habermas, para o qual a “[...] identidade liga-se à memória porque o que nos torna diferentes é a nossa própria história e o que nos iguala é o nosso esquecimento”.³

Dito isto, passa-se a descrever uma gênese de uma biblioteca pública do município de Jaraguá do Sul.

2 DISCURSOS COMO FUNDADORES DE UMA BIBLIOTECA MUNICIPAL

A inexistência de uma biblioteca pública no município de Jaraguá do Sul no início dos anos de 1940 seria tema de um artigo em tom de alerta publicado por Idelfonso Juvenal, no jornal local, *Correio do Povo*, no primeiro semestre de 1947, sob o título “De Idelfonso

² Ibidem, loc. cit.

³ Ibidem, loc. cit.

Juvenal para o Correio do Povo – BIBLIOTECAS MUNICIPAIS”.⁴ O autor do enunciado, sr. Idelfonso não se limitava a lamentar a falta de uma biblioteca municipal, mas, para além disto, certamente queria, por meio do artigo, acenar para uma solução a esta questão. Por isso informa no artigo que a Junta Executiva Regional do Conselho Nacional de Estatística do estado de Santa Catarina tinha em seu programa de difusão cultural o objetivo de instalar bibliotecas municipais nas 45 sedes de município do estado, e ressalta: “[...] devendo existir em cada uma dessas bibliotecas uma seção destinada a obras didáticas no sentido de facilitar a consulta de livros pelos estudantes pobres, tendo em vista o preço elevado destas publicações, o que tem sido obstáculo a que referidas obras sejam adquiridas pelos respectivos”.⁵

A análise de alguns dos dados históricos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística torna perceptível a preocupação deste órgão público não só em coligir dados demográficos e socioeconômicos, mas também em fomentar iniciativas para a instalação de equipamentos culturais no território nacional. A leitura desses dados sugere que tanto o IBGE quanto o INL configuravam-se em instituições aliadas no desenvolvimento cultural brasileiro.

Para além desta digressão, o sr. Idelfonso informa, em sua matéria sobre a inauguração da biblioteca municipal no município de São José, cidade contígua a Florianópolis (SC), que a biblioteca foi denominada Biblioteca Cardeal Jaime Câmara. O texto, extenso, enfatiza a falta de uma biblioteca municipal em Jaraguá do Sul, que constituía uma lacuna de longa data, e destaca as características culturais e os altos índices de alfabetização da comunidade. Instiga, ainda, as autoridades, apontando para o êxito já alcançado pela vizinha cidade de Indaial (SC). Lá, informa, a instalação da biblioteca municipal obteve sucesso graças ao esforço de espíritos empreendedores como do “[...] Sr. Theobaldo Costa Jumundá, secretário daquela Prefeitura, escritor muito conhecido e apreciado [...]”⁶. Quase concluindo o parágrafo, provoca a comunidade e as autoridades dizendo já existir a planta do edifício destinado à tão importante fim em Jaraguá do Sul. Ainda neste parágrafo, a título de estímulo, revela que a Biblioteca Municipal de Indaial dispõe de “[...] uma dezena de estantes, muito bem organizadas, atingindo já alguns milhares os volumes de que dispõe adquiridos por compra ou doação efetivada por pessoas reconhecedoras da patricia utilidade dessa casa de confortado aprendizado público”.⁷ Este enunciado seria uma primeira manifestação de escrita pública em favor da constituição de um espaço público de leitura no município de Jaraguá do Sul.

⁴ Correio do Povo, v. 28, n.1.437, p.1, 20 jul., 1947.

⁵ Correio do Povo, 28, n.1.437, p.1, 20 jul., 1947.

⁶ Ibidem, 1947, p.1.

⁷ Ibidem, 1947, loc. cit.

O ano de 1947 era um ano eleitoral. Passados os anos do Estado Novo, da Campanha de Nacionalização e da comoção da Segunda Guerra Mundial, o tempo era outro. A democracia seria restabelecida lentamente. As representações políticas seriam novamente eleitas.

Neste cenário, em um curto espaço de tempo, lê-se no Correio do Povo uma matéria noticiando que brevemente a cidade de Jaraguá do Sul seria “brindada” com uma biblioteca municipal.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE JARAGUÁ – Jaraguá está de parabéns, pois vai ser a segunda cidade do Estado a possuir uma Biblioteca Municipal. Tão logo teve conhecimento do artigo no qual, em edição anterior deste conceituado jornal, tratamos de tão palpitante assunto providenciou o nosso talentoso patricio Sr. Professor Lourival Câmara, digno e infatigável Presidente da Junta Regional de Estatística, no sentido da instalação de uma biblioteca municipal em Jaraguá, a qual será localizada na sede do município, devendo funcionar a princípio, em uma das salas, da nossa Prefeitura [...].⁸

O prefeito Joaquim Piazero endereça à comunidade, por meio do Correio do Povo, um convite para a cerimônia de fundação da biblioteca municipal. O enunciado destaca autoridades civis, eclesiásticas, professores, membros das associações desportivas, indústria e comércio. Informa que a cerimônia terá lugar no Palácio da Prefeitura Municipal, às 10 horas, e, por fim, lembra a presença, confirmada, do professor Lourival Câmara, D.D. Diretor Geral do Departamento Estadual de Estatística de Santa Catarina.

A cerimônia de fundação da Biblioteca Municipal anunciada pelo prefeito foi narrada em um tom laudatório nas cores da época, no fascículo de 17 de agosto de 1947 do jornal Correio do Povo, uma narrativa salpicada de lembranças e homenagens pessoais.

[...] às 10 horas, com a presença dos senhores, Dr. Ary Pereira Oliveira e Joaquim Piazero, respectivamente Juiz de Direito da Comarca e Prefeito Municipal, presentes também outras autoridades, professores e pessoas de destaque local, o Sr. Prof. Lourival Câmara abriu a solenidade explicando os fins da reunião e benefícios da biblioteca.⁹

O professor Lourival Câmara, como se lê naquele artigo do Correio do Povo, após explicar os objetivos daquela reunião, colocou em discussão o nome do patrono da biblioteca. O tenente, preceptor da criação de uma biblioteca pública junto à comunidade, interrompeu e solicitou a palavra pronunciando um longo discurso, que seria publicado na íntegra no

⁸ Correio do Povo, v. 28, n. 1.439, p. 1, 3 ago., 1947.

⁹ Correio do Povo, v.28, n.1.441, p.1- 3, 17 ago. 1947.

fascículo do dia 17 de agosto. Pelo seu caráter peculiar, o contexto de fundação desta biblioteca merece ser destacado em partes.

O tenente e jornalista Idelfonso Juvenal residiu por certo período no município, fato que o colocava em posição confortável para discursar entre os seus. Iniciou sua preleção destacando a “grandeza econômica” do município em relação ao estado de Santa Catarina, aludindo ao potencial na contribuição cultural de Jaraguá para o estado. São estas suas palavras:

Do seu seio hão de sair para os mais honrosos e dignificantes prélios da inteligência, culturas tão aprimoradas, que engrandecerão os conterrâneos e orgulharão os pósteros, porque a luz do sol bem-dito da Instrução vem se projetando de há muitos anos sobre esta admirável porção do território catarinense, e crianças e adultos indistintamente procurarão raios benéficos”.
10

Segue em tom de elogios, desenhando o panorama educacional, afirmando que em todos “os recantos do município”¹¹ estava disseminada a instrução primária, além da reconhecida proficiência do importante estabelecimento público de ensino, o Grupo Escolar Abdon Batista. Continua dizendo que a cidade usufruía de três distintos estabelecimentos de ensino particular: um “[...] dirigido pelas beneméritas Irmãs da Divina Providência, futura Escola Normal de Jaraguá; outro, o Grupo Escolar São Luiz estabelecimento particular, oficializado e dirigido pelos proficientes e infatigáveis Irmãos maristas, também futuro Ginásio de Jaraguá”¹². E a importante contribuição do Seminário Sagrado Coração de Jesus, “[...] uma das expressões mais eloqüentes da proficiência do ensino religioso do Brasil”¹³.

Enfatiza em seu discurso que essa cidade, Jaraguá, deve orgulhar-se do maior índice de alfabetização do estado. Volta-se, então, ao passado num tributo à colonização alemã, destacando que, mesmo sem uma devida assistência do Estado, estes imigrantes não descuidaram da instrução e educação de seus filhos. Numa descrição próspera ao município e num tom de ânimo afirma “[...] que já estão requerendo maior cooperação dos poderes competentes e dos homens de boa vontade e são patriotismo, maior amparo e coadjuvação no sentido do seu desenvolvimento cultural”¹⁴. Na esteira deste raciocínio, destaca: “A instrução do povo não se opera apenas por meio do ensino nas escolas. As bibliotecas, como os museus, são excelentes meios de instrução do povo; instrução recreativa, porque põem eles todos a

¹⁰ Ibidem, 1947, p. 1-3.

¹¹ Ibidem, 1947, loc.cit.

¹² Ibidem, 1947, loc. cit.

¹³ Ibidem, 1947, loc. cit.

¹⁴ Ibidem, 1947, loc. cit.

aprender recreando o espírito”¹⁵. Busca na metáfora, nas palavras da gastronomia e na poesia, chamar a atenção dos presentes dizendo:

As bibliotecas, na expressão autorizada do sacerdote e poeta Marcolino Dantas, são colméias onde abelhas humanas vão guardar o mel do pensamento, a trescolar o olôr da inteligência primorosa e os consulentes se fartam daquele mel substancial, que tanto alimenta o espírito, desenvolvendo o intelecto.¹⁶

A esta altura da leitura do discurso, parece que o orador toma fôlego, pausa os olhos sobre os ouvintes num gesto de reflexão e conclui:

Senhores, a Junta Executiva do Conselho Nacional de Estatística da qual é digno Presidente em Santa Catarina o ilustre sr. Professor Lourival Câmara destacado intelectual catarinense e estimado Diretor do Departamento Estadual de Estatística, no seu patriótico propósito de dotar todos os municípios do Estado com uma biblioteca pública vêm atender generosamente, a feliz sugestão do ‘Correio do Povo’ de ser Jaraguá uma das primeiras cidades a ser contemplada com esse benefício”.¹⁷

Observe-se que ainda fez um elogio direto à iniciativa governamental, intermediada pelo Instituto Brasileiro de Estatística na figura do Departamento Estadual, e um subliminar auto-elogio lembrando a iniciativa do Correio do Povo. A certeza na concretização deste ato de fundação leva Idelfonso Juvenal a lembrar o espírito cooperativo da comunidade, enfatizando que ninguém se furtaria a colaborar tanto na confecção das estantes necessárias e outros móveis quanto na doação de livros, jornais e revistas.

Longe de findar o discurso, o orador volta novamente ao passado e nele busca o nome do patrono da biblioteca municipal. Nesse momento, são essas as suas palavras: “Senhor Presidente: como um preito de gratidão e saudade e homenagem muito justa e merecida ao inolvidável fundador de Jaraguá, proponho o nome do ilustre soldado brasileiro coronel Emílio Jourdan para patrono da Biblioteca Municipal”.¹⁸

Esta homenagem lembraria não só o fundador, mas também um autor inquieto, interessado em registrar o trabalho do seu tempo. Apesar de a escrita não ser sua principal atividade, produziu, contudo, uma pequena biblioteca.¹⁹

¹⁵ Ibidem, 1947, loc. cit.

¹⁶ Ibidem, 1947, loc. cit.

¹⁷ Ibidem, 1947, loc. cit.

¹⁸ Ibidem, 1947, loc. cit.

¹⁹ Ainda que diminuto, o número de obras de autoria do coronel Emílio Carlos Jourdan poderia constituir uma pequena biblioteca no conceito de Roger Chartier “Chamamos também bibliotecas as coleções e compilações de obras da mesma natureza”, aqui parafraseando coleções e compilações de um mesmo autor. CHARTIER, 1998. p. 70-71. São de autoria de Jourdan as seguintes publicações: **Os lavradores, os escravos e a colonização**. (Sem frontespício, mas do Rio de Janeiro, 1871, 8 pags. In. 4^o). **Guerra do Paraguai com atlas**. (Broch. In fol – Rio de Janeiro – tipografia Perseverança 1 vol. enc. In 8^o). **Guerra do Paraguai**. (Laemert & Cia. 1890. 252p.

A biblioteca municipal em questão não seria apenas uma homenagem ao fundador do município, Emílio Carlos Jourdan. Outros nomes seriam dignos de deferência. No entusiasmo da palavra, o sr. Idelfonso, íntimo da retórica, desenha de modo perspicaz aos presentes a estrutura da futura biblioteca, usando como modelo a biblioteca municipal de São José (SC), recém-inaugurada.

Quase concluindo o discurso, explica aos ouvintes que a Biblioteca Municipal Emílio Carlos Jourdan contaria com dez estantes. Cada estante seria uma homenagem a ilustres cidadãos que atuaram em favor do estado de Santa Catarina em diferentes áreas. Dito isto, cita o número de cada estante, o seu respectivo patrono e um currículo resumido de cada um deles. Leia-se atentamente este excerto do discurso.

Estante nº 1 Celso Baima – saudoso catarinense, de assinalados serviços à sua terra. Foi deputado e senador federal; pugnou ardorosamente em defesa dos interesses de Santa Catarina. Quando da ocasião da guerra mundial de 1914, a sua voz se fez ouvir na Câmara Federal, em defesa dos teuto-brasileiros de Santa Catarina, vítimas de injusto ataque no Parlamento Nacional.

Estante nº 2 Orestes Guimarães – saudoso educador paulista a quem Santa Catarina deveu a nacionalização e a remodelação do ensino primário.

Estante nº 3 Horácio Nunes Pires – memorável jornalista, poeta, prosador, teatrólogo e romancista catarinense. Foi Diretor da Instrução Pública do Estado. Cooperou eficientemente para nacionalização do ensino em Santa Catarina.

Estante nº 4 Luiz Delfino – Inesquecível e consagrado poeta catarinense e glória nacional.

Estante nº 5 Cruz e Souza – Imortal poeta e prosador catarinense. Um dos mais queridos e festejados poetas e escritores nacionais.

Estante nº 6 Crispim Mira – Mártir do jornalismo catarinense. Historiador, folclorista, escritor muito apreciado. Apologista da valiosa cooperação do colono no estrangeiro para o desenvolvimento econômico de Santa Catarina. (sic)

Estante nº 7 José Boiteux – Saudoso e consagrado historiador, jornalista e prosador catarinense. Entusiasta pelas causas de sua terra. Foi um dos maiores cultores do passado de Santa Catarina.

mapas desd. Tib. Corn. 28 cm). **História das campanhas do Uruguay, Mato Grosso e Paraguay. Brasil, 1864-1870.** Rio de Janeiro, 1893 (1894 Imp. Nac.). 3 v. **Estrada de ferro 'Brasil-Paraguay**, exposição de factos para os illustrados membros do Congresso Nacional (Rio de Janeiro. Comp. Impressora. 1892). STULZER, 1973. p. 273-274.

Jourdan foi ainda colaborador no **Jornal do Comércio**, na **Gazeta de Notícias**, **O País** e **A Revista do Brasil**, publicados no Rio de Janeiro. SILVA, 1975.

Estante nº 8 Liberato Bittencourt – General e engenheiro militar. Autor de uma centena de obras didáticas e científicas, abrangendo vários ramos da saber. Educador emérito, acrisolado do espírito de brilhante geração de moços que estão dignificando o Brasil.

Estante nº 9 Lourival Câmara – Historiador, jornalista e prosador catarinense, e uma das maiores autoridades nacionais em Estatística. Diretor do Departamento de Estatística do Estado, cujos excelentes trabalhos não merecido elogiosos referenciais por toda parte de técnicos nacionais e estrangeiros.

Estante nº 10 Artur Müller – Jornalista e um dos mais ilustres e talentosos filhos de Jaraguá. A sua brilhante atuação na Imprensa ou na tribuna, pugnando pelos sagrados interesses do município, não lhe feito granjear profunda estima e sincero apreço de todos os jaraguenses [...]. (grifo nosso).²⁰

Já era tempo, e o discurso chegava a seu fim. Logo após foi votado, por unanimidade, o nome do patrono da biblioteca – Emílio Carlos Jourdan. Em seguida, o presidente da mesa, Lourival Câmara, colocou em discussão a indicação dos patronos das estantes sugeridos pelo tenente Juvenal e no uso da palavra pediu a exclusão do seu nome da estante de número 9. Entendia o sr. Lourival que deveriam receber tal distinção figuras ligadas ao município ou ao estado de Santa Catarina por serviços de destaque. Neste ínterim, pediu a palavra o deputado pelo município, Artur Müller.²¹

Comerciante nascido em Blumenau (SC), radicado em Jaraguá do Sul desde 1918, integrava a diretoria do Correio do Povo; udenista; desempenhou antes do seu mandato de deputado exerceu outras funções públicas – ressaltar-se, hábil articulador da palavra escrita e falada.

Arguto, inicialmente, congratulou-se com o evento e logo em seguida defendeu veementemente a tese de que ninguém mais do que o professor Lourival Câmara tinha o direito a uma homenagem na qualidade de patrono de uma das estantes da biblioteca desse município, ora fundada. Como argumento de defesa, arrolou os serviços e a qualificação profissional e pessoal do nome citado.

O clima era de conagração. No calor do discurso, o deputado Artur Müller pediu a substituição do patrono de número 10; o seu nome deveria dar lugar à homenagem de quem longe de sua pátria perdera a vida na defesa dos seus. Lembrou então os expedicionários jaraguenses e reivindicou como patrono para a estante de número 10 o nome “do bravo Antônio Carlos Ferreira, morto em combate em Monte Castelo”²². O silêncio certamente foi

²⁰Correio do Povo, 1947, loc. cit.

²¹SCHMÖCKEL, 1995.

²²Ibidem, 1947, loc. cit.

sepulcral. O deputado finalizou sua tese argumentando que, se ele merecesse qualquer tipo de estima daquela assembléia, “ela o demonstrasse aceitando sua proposta”.²³

A sessão ainda não se encerraria ali. Pediu a palavra o Juiz da Comarca, Ary Pereira Oliveira, que propôs a elevação do número de estantes de 10 para 12. Na proposta seriam incluídos os nomes do expedicionário, Antônio Carlos Ferreira, e o nome do escritor e jornalista Idelfonso Juvenal, que iniciara a campanha através do Correio do Povo. Colocada em votação, a proposta foi aprovada.

Nas filigranas do ato de fundação e no discurso do principal orador desenha-se um espaço no qual se pretendia que cada cidadão jaraguense fosse brindado pelo convívio intelectual de uma academia de letras. A estrutura, por si só, proposta pelo sr. Idelfonso à Biblioteca Municipal Emílio Carlos Jourdan, é uma metáfora a erudição acadêmica. Cada estante, de certo modo, representava uma cadeira; cada homenageado parecia ter o *status* de um acadêmico das letras. Um cenário que, embora verbalmente exagerado diante do real existente, não deixa de suscitar o gosto pela cultura ornamental nesse lugar.²⁴ Assim, a sessão, quase no seu término, deu posse à primeira diretoria da biblioteca municipal.

A fundação da Biblioteca Municipal Emílio Carlos Jourdan, a homenagem nominal de cada estante, a mesura verbal do deputado Artur Müller ao tratar da questão dos patronos e mesmo a redação parcimoniosa do artigo publicado pelo Correio do Povo constituem uma alegoria exemplar do livro como ornamento cultural, além da imbricação política do ato.

Se a polaridade político-familiar no governo estadual ficava a cargo do Grupo Ramos (Partido Social Democrático – PSD) e do grupo Konder (leia-se União Democrática Nacional – UDN), em Jaraguá do Sul esse cenário político ficava sob o comando dos grupos familiares Grubba, do PSD, e Müller, da UDN. Vale dizer que a disputa entre os dois grupos sempre foi acirrada. É preciso lembrar que o quadro político em Jaraguá do Sul ligava-se, historicamente, muito mais ao Partido Republicano do que ao Partido Liberal, com origens na Revolução de 30.

Neste contexto, pode-se assegurar que durante boa parte da década de 40 e de 50 o quadro político nesse lugar ficou dividido entre o udenista Artur Müller e os pedessistas Waldemar Grubba e Valter Breithaup. A UDN local, sob a liderança de Artur Müller, jornalista e controlador do Correio do Povo, e o PSD, liderado por Waldemar Grubba,

²³ Ibidem, 1947, loc. cit.

²⁴ HOLANDA, 1989. p. 113 -125.

detentor do único veículo de comunicação falada na região, a Rádio Jaraguá, davam o tom político ao município.²⁵

Refletir, de modo inquiridor, a seção alusiva à fundação da Biblioteca Municipal, observando o tom político na manifestação de atores como Artur Müller, ou esquadrihar a composição da primeira diretoria revela, nas entrelinhas, os possíveis ganhos políticos *na forma e no conteúdo* do ato e nos discursos propalados naquele evento de fundação. Há, em outras palavras, uma disputa eleitoral subliminar entre a UDN e o PSD local naquele ano. Essa sessão pública pode ser apreendida como uma estratégia de campanha do candidato pela UDN, Artur Müller, ao cargo de prefeito, ou, como se diria numa linguagem atual consistia num “marketing” político-eleitoral.

A fundação laudatória, no entanto, não seria confirmada nos fascículos do Correio do Povo. Seu exame, a partir do mês de outubro de 1947, quando os candidatos ao Executivo e ao Legislativo publicam seus respectivos programas, não oferece qualquer indício de questões voltadas à área cultural ou, mais especificamente, sobre como seria implementada a Biblioteca Municipal Emílio Carlos Jourdan.

Acerca da biblioteca municipal, noticiada pelo Correio do Povo, não se localizaram outros registros documentais e/ou impressos. Suspeita-se que os registros tenham-se perdido no tempo, tendo em vista o quadro político vivido pelos munícipes durante as décadas de 30 e 40. Em outras palavras, esta seria uma biblioteca desaparecida.

Se os documentos sobre esta biblioteca não foram produzidos ou não foram localizados, uma das fontes orais desta pesquisa desenhou com suas palavras a implementação dessa biblioteca municipal da cidade de Jaraguá do Sul. Esta Biblioteca Municipal Emílio Carlos Jourdan²⁶, cujo patrono foi sugerido pelo tenente Idelfonso Juvenal, afirmou este depoente: “*Não organizaram, não adquiriram os livros e nem mandaram fazer essas doze estantes. Lá (nas dependências do Fórum, no prédio da Prefeitura Municipal na Praça Ângelo Piazero – no ano de 1947), nem tinha lugar para doze estantes na prefeitura, estavam todas ocupadas*”.²⁷

Porém, para o mentor do projeto, esta biblioteca era real, como se lê no Correio do Povo em um artigo publicado por Idelfonso Juvenal em setembro de 1953, sob o título “*Jaraguá, terra que progride*”.²⁸ Neste artigo, ele destaca o progresso da cidade, a

²⁵Diário Catarinense, 17 ago., p.5, 1998. Cad. 15.

²⁶ Correio do Povo, v. 28, n. 1.451, p. 3, 26 out., 1947.

²⁷ Amadeus Mahfud. Entrevista gravada em 12/12/2002.

²⁸Correio do Povo, v. 34, n.1.760 p.1, 20 set., 1953.

capacidade de trabalho e a amizade dos seus munícipes e conclui: “[...] somos [um] sincero amigo de Jaraguá do Sul, onde nosso humilde nome figura em uma das estantes de sua Biblioteca, e desejamos vê-lo cada vez mais engrandecido causando inveja a outros municípios do Estado [...]”²⁹. Uma tensão se coloca entre esta matéria jornalística e o depoimento do sr. Amadeus, ao afirmar de modo contundente: “[...] *não fizeram as estantes com os 12 patronos [...]*”.³⁰(grifo nosso)

A fundação da Biblioteca Municipal Emílio Carlos Jourdan ficaria, sob os auspícios do engendramento político-partidário, destinada ao desaparecimento. A principal razão para o desaparecimento dessa biblioteca municipal, solenemente criada meses antes das eleições, se explicaria pelos resultados das urnas daquele ano de 1947. Isto é, os eleitores aclamariam a prefeito o candidato pelo PSD, Waldemar Grubba. A fundação da biblioteca, é preciso lembrar, era uma proposta dos integrantes da UDN. Artur Muller, udenista, ressaltou-se, era o candidato ao Executivo municipal naquele ano. Como estratégia eleitoral, a fundação da Biblioteca Municipal foi anunciada inclusive pelo jornal que tinha como um dos proprietários o próprio Artur Müller.

Parafraseando Anne-Marie e Jean Hédrard, tanto a leitura como a biblioteca são pretextos para debates públicos e alvos de chefes políticos nas esferas do poder³¹. O quadro que se desenhou corrobora tal assertiva para esse tempo e lugar, e poderia se arriscar afirmar, para outros tempos e lugares.

3 A BIBLIOTECA MUNICIPAL DA DÉCADA DE 50 E AS PRÁTICAS À SUA EXISTÊNCIA

A fundação da biblioteca municipal Emilio Carlos Jourdan, alardeada em 1947, pode-se inferir a partir dos dados analisados, seria objeto de ação política do então candidato udenista, Artur Müller.

Em 1951, novamente candidato, Artur Muller foi eleito. Naquele ano soprou a poeira do tempo e instalou uma primeira biblioteca municipal, não aquela biblioteca municipal cujo patrono era Emilio Carlos Jourdan. Silenciosa e sorrateiramente, instalou uma biblioteca municipal, como atestam diversos documentos e o excerto do relatório municipal que segue:

BIBLIOTECA MUNICIPAL – A Biblioteca Municipal, instalada este ano contém 984 volumes. A ela foi anexada, por determinação do Exmo. Senhor Dr. Juiz de Direito, a biblioteca do Fórum, que veio aumentar e lhe dar ainda mais realce.³²

²⁹ Ibidem.

³⁰ Amadeus Mahfud. Entrevista gravada em 12/12/2002.

³¹ CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, 1995. p. 14.

³² JARAGUÁ DO SUL, 1951. p. 9.

A constituição de um espaço público de leitura estava sujeito ao personalismo dos governantes municipais ou sob a influência de quem estes lideravam. É o fenômeno do coronelismo manifesto mesmo em terras colonizadas por alemães, italianos etc.³³.

Esta instituição de leitura, segundo os dados examinados, seria denominada apenas Biblioteca Municipal. Faça-se lembrar que o Guia de Bibliotecas Brasileiras (1955) registrava a Biblioteca do Fórum do município na categoria de biblioteca municipal, que tinha como patrono Rui Barbosa.

Não só o relatório municipal evidenciaria a implementação do ato do prefeito, como também no Correio do Povo é possível rastrear algumas práticas desta biblioteca. Já na data de 25 de fevereiro de 1951, o jornal publicou duas notas a respeito desta biblioteca. Uma primeira nota, publicada na página três, informa que o escriturário João M. Verbinen havia sido designado para reorganizar a Biblioteca Municipal e, nesta função, convidara a todos para que devolvessem os livros até cinco de março de 1951:

LOCAIS – notas da prefeitura. A primeiro de março será franqueada ao público a Biblioteca Municipal, mandada reorganizar e instalar na antiga sala de obras públicas, onde fica acessível ao público. A Biblioteca já conta com elevado número de livros, devendo em breve receber nova remessa.³⁴

Nessas notas, dois verbos chamam a atenção: reorganizar e devolver. O primeiro é empregado com saborosa frequência nos relatórios que dizem respeito às práticas da biblioteca, quer desta instituição de leitura em questão, quer de outras. Parece tratar-se de um ato ligado aos espaços de leitura institucionais ou de uma cultura do (re) fazer o já realizado e não avançar para outras ações. Neste raciocínio, a última (re) organização é anunciada como a mais necessária e a de maiores efeitos, desconhecendo-se a(s) anterior(es). Já o segundo verbo denuncia uma prática do uso do livro patrimônio público; isto é, parece ser um bem público que, no argumento do usuário da instituição pública de leitura, rege o uso privativo do livro, tendo em vista tratar-se de um patrimônio público.

A biblioteca instalada por Artur Müller era objeto do orçamento municipal; isto pode ser constatado na documentação e no orçamento do poder público municipal veiculado no Correio do Povo.

Apesar da sua pouca visibilidade no Correio do Povo, desta biblioteca municipal um item se mantém constante neste semanário: *o item despesas com livros e impressos destinados a biblioteca*, publicado de 1941 até 1959. O Executivo, a partir desta última data, abandonou a prática de publicar o balancete da Prefeitura Municipal. (grifo nosso)

O exame destes balancetes sugere algumas questões: Seriam valores destinados aos espaços de leitura privados, associações ou para bibliotecas escolares? Oficialmente, recursos para Biblioteca Municipal seria fato somente a partir de 1951, com a instalação da biblioteca por Artur Müller. Questões sem respostas.

Nas cores de seu tempo, essa biblioteca municipal manteria suas portas, pode-se dizer, apenas entreabertas à comunidade. Contudo, em certas ocasiões abriria suas portas aos ventos da erudição para funcionar como cenário teatral. As portas eram abertas quando uma escola

³³ Entre outras características “coronelistas”, destaca-se para este trabalho o favoritismo em relação aos amigos do governo e a forte cobrança ou retaliação em relação aos adversários. OLIVEIRA, Otair Fernandes de. **O municipalismo e a cultura política brasileira**. Disponível em <http://www.achegas.net/numero/quatorze/otais_oliveira_14.htm>. Acessado em 10/09/04. Esse artigo correspondente à parte II da dissertação de mestrado do mesmo autor, sob o título: **O legislativo municipal no contexto democrático brasileiro**: [...]. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Ciência Política), Universidade Fluminense, Rio de Janeiro, 1999.

³⁴ Correio do Povo, v. 30, n. 1.631, p. 6, 25 fev., 1951.

pedia o seu espaço como lugar para cerimônia de entrega do prêmio de distinção a professores do município, como se lê a seguir:

[...] Realizou-se no dia 31 de março, na sala da Biblioteca, da Prefeitura Municipal, a entrega do diploma e prêmio instituído por lei municipal e destinado ao professor que maior aproveitamento apresentasse no ano letivo. O ato teve a presença, além dos 23 professores municipais, do Dr. Nelson Konrad, Juiz de Direito da comarca, prefeito Artur Müller, Inspetor Aleixo Delagiustina, Paulino Pedri, no exercício do cargo de Promotor Público, Tenente Manoel de Carvalho Lopes, professor de Educação Física da Prefeitura.

O prêmio coube à professora Elfrida Gehring da Escola dos Vieiras, que apresentou 89% de promoção. No ato falou o sr. Prefeito Municipal e agradecendo, a professora que recebeu a distinção, a qual ofereceu também aos presentes uma lauta mesa de doces e guaraná, no restaurante Klug.³⁵

No enunciado do jornal, em momento algum é explicitada a natureza do prêmio; contudo, não será equivocado afirmar que o prêmio seria um livro ou uma caneta, “objetos culturais sagrados”³⁶. Para além das cerimônias de distinção meritória a professores, o espaço da biblioteca municipal seria utilizado para o planejamento dos eventos cívicos, principalmente quando se tratava de organizar a Semana da Pátria.

A biblioteca, instalada sob a égide da (re) organização, sofreria ao longo do tempo, dentro dos quadros da alternância do poder municipal, diversas e inócuas remodelações com vistas à acomodação político-partidária, resultando em uma biblioteca constantemente semi-aberta e num explícito quadro de desqualificação para com uma instituição de leitura pública.

Nesta esteira, o governo de Artur Müller, através da Portaria no. 64 designam para organizar novamente a biblioteca a funcionária Geny Costa de Oliveira e Silva³⁷. Recorde-se que este mesmo prefeito, ao iniciar sua gestão, já havia designado o escriturário João M. Verbinen à tarefa de organizar a biblioteca municipal. Isto significa dizer que o Executivo Municipal ordenou a (re) organização da biblioteca por duas vezes num mesmo período governamental.

Essa sinecura não se encerraria aí. Num cenário de disputa entre opositores políticos, Artur Müller e Waldemar Grubba, a biblioteca seria alvo de outra reestruturação, quando Waldemar Grubba foi eleito para o seu terceiro mandato municipal, período de 31/1/1956 a 31/1/1961. Sem perder tempo, ele fustigou os brios da administração anterior e ordenou uma outra organização da biblioteca municipal como mostra a Portaria nº 29, de 9 de fevereiro de 1956, designando Otacílio Pedro Ramos para (re)organizar a biblioteca municipal. Ainda no mandato do mesmo prefeito, seria contratada uma funcionária para administrar a biblioteca, como mostra o Relatório – exercício de 1960.³⁸

Este relatório municipal apresenta dados referentes ao setor “Biblioteca Pública Municipal” dos meses de julho a dezembro e indica a lotação dessa funcionária. Os dados sugerem que esta funcionária tenha recebido treinamento para atuar na área de bibliotecas. Neste período, o Instituto Nacional do Livro, em sua estrutura, mantinha a rotina de tal prática.

Um dos depoentes ao se referir aos possíveis responsáveis pela biblioteca municipal criada na década de 50, afirmou em certo trecho: “[...] *Teve uma outra moça que fizeram*

³⁵ Correio do Povo, v.34, n. 1.786, p. 1, 4 abr., 1954.

³⁶ SOUZA, [2000], p. 11.

³⁷ Documento disponível no Arquivo Histórico Eugênio Victor Schmöckel.

³⁸ JARAGUÁ DO SUL, [1961].

estudar em Florianópolis; bibliotecária. As outras eram fabricadas – esta com o curso de bibliotecária, não me recordo do nome dela“.

Sob os auspícios do terceiro governo de Waldemar Grubba, 1956/1961, a biblioteca municipal foi dinamizada, como apontam os dados coligidos naquele relatório municipal, no qual se lê o registro de novos leitores e se discrimina por gênero literário o empréstimo domiciliar mensal. Em escrita contábil é indicado o empréstimo de 181 livros e a consulta local de 13 títulos no período de julho a dezembro de 1960. Neste mesmo estilo de redação, informa o relatório o número de obras existentes no acervo: 962 volumes, distribuídos nos gêneros Romances, Biografia, Transporte, Literatura Geral, Filosofia, Ciências Aplicadas, Poesia, Obras Gerais, Ciências Puras, Artes e Divertimentos, Direito e Religião. Notadamente, o maior número de obras se concentra no gênero do Direito, confirmando que parte do acervo da Biblioteca do Fórum fora integrada ao dessa biblioteca. Outros gêneros também mereceram destaque: Transporte, Romance, Literatura Geral.

O relatório informa também que foram adquiridos através da modalidade de compra 19 de títulos do gênero Romance e por meio do termo de doação a biblioteca recebera dois romances da sra. Nilza Küster. O documento conclui a apresentação dos dados informando que a biblioteca municipal acrescentara 23 livros, totalizando em 1960 um acervo de 985 volumes.

3.1 Alguns Dados e Algumas Considerações

Passados cerca de 30 anos são somente nos anos 80 através do Correio do Povo que se alcançariam algumas pistas dessa biblioteca municipal iniciada no mandato de Artur Muller na década de 50 do século XX.

A identificação de uma matéria nesse jornal acerca do descaso das autoridades locais com a biblioteca municipal na década de 80 serviu de alerta para se buscar na documentação legislativa e/ou administrativa um possível registro das decisões do poder municipal com relação a biblioteca municipal nos anos 60 e 70.

Assim, na Ata da Sessão Extraordinária do dia 16 de outubro de 1961 se registra ato que denota a insensibilidade do poder público em relação a equipamentos culturais, como a sua biblioteca municipal.

A escrita da ata, num lamento, imputa à comunidade leitora a inércia na prática do uso dessa biblioteca. Pode-se quase abstrair os murmúrios do Colegiado, no discurso consensual transcrito numa ata denunciando que a população não dá valor aos meios culturais que o poder municipal punha a sua disposição.

É preciso dizer que o discurso que imputa a dita inércia e apatia do uso da biblioteca à comunidade por estes legisladores não evoca qualquer registro sobre as precárias e tímidas portas entreabertas da biblioteca em questão. Nem mesmo confessa uma certa *mea culpa* por parte do poder municipal, que inscreveu essa biblioteca apenas no *status* político ornamental do município. Dito de modo claro, o lamento consensual destes legisladores não considerou a inércia do poder público em perceber como, quando e onde essa comunidade intentava exercer a prática da leitura. Também não registrou o fato de que essa biblioteca pública era timidamente mantida aberta ao leitor e sofria de tempos em tempos de uma questionável (re) organização, nem o fato de a biblioteca prestar-se a ser um reduto de nepotismo e sinecuras. Em poucas palavras, sempre foi cômodo ao poder público dizer que a comunidade podia permanecer num estado de ignorância.

Comprovando esta interpretação, na década de 60, antes mesmo da legitimação do Legislativo, o Executivo Municipal, em surdina, envia o acervo da biblioteca para ser incorporado ao material de leitura e treinamento dos cursos oferecidos pelo Serviço Social da Indústria do Estado de Santa Catarina - SESI. O Executivo Municipal necessitava do espaço

físico ocupado pela biblioteca para instalar o Salão Nobre da Prefeitura. A biblioteca, segundo o prefeito dessa época, seria mais bem aproveitada pela comunidade e pelo trabalhador nas dependências daquela entidade. No entanto, a sua sede localizava-se em uma região relativamente fora do centro urbano de Jaraguá do Sul.

Desmantelar a biblioteca foi a solução autoritária e econômica encontrada pelo Executivo, também avalizada pelo Legislativo. A biblioteca, por cerca de dez anos, permaneceria soterrada, invisível e inacessível à comunidade. Significa dizer, o acervo, inicialmente incorporado ao material de aprendizagem do SESI, foi encaixotado e guardado no Salão Paroquial da Igreja São Sebastião.

O Golpe Militar de 64 engendrou uma política cultural repressiva, um clima político autoritário, ratificado também por executivos e legisladores autoritários, diante da administração do município.

Essa biblioteca municipal da década de 50 originou-se sem legislação, submetendo-a por si só aos possíveis humores individuais e/ou interesses político-partidários. A falta de um instrumento legal produz para toda e qualquer instituição um quadro de instabilidade e fragilidade perante o político, o econômico e o social no tempo.

Os discursos sobre a Biblioteca Pública Municipal Emilio Carlos Jourdan, proferidos por diferentes atores nas décadas de 40, e o estado letárgico que seria dado a esta instituição de leitura dos anos 50 propiciam uma reflexão sobre um modo de estabelecimento de instituições culturais no Brasil. Dito de outra forma, o discurso retórico-político utilizado para a fundação dessa biblioteca pública parece se constituir ao longo do tempo em políticas do ornamental e do partidário na criação de equipamentos culturais em diferentes tempos e lugares no Brasil.

Ainda, a legislação não constitui a única estratégia para a existência de uma instituição cultural, mas pode ser sim uma garantia para além dos partidos políticos e das vontades individuais e conforma em si a possibilidade da construção de sua identidade institucional.

Acrescente-se concluindo que a historicidade revelada a partir dos documentos constitui-se em um “lugar de memória”. Dito num modo, esta “memória – história” – coloca-se como um alerta para possíveis atuais práticas que possam trazer perdas futuras, isto é, esse “lugar de memória” quer constituir-se em uma estratégia capaz de induzir condutas voltadas à Biblioteca Pública Municipal Rui Barbosa, num movimento presente-passado, passado-presente-futuro³⁹.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hanna. **Entre o passado e futuro**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura**: 1880–1980. São Paulo: Ática, 1995.

³⁹ ARENDDT, 2001.

DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DOESWIJ, Andreas L. A herança imaterial de Giovanni Levi. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Disponível em <http://dghi.uem.br/publicações/dialogos/volume01/vol06_rsh1.htm> Acessado em 27/7/04.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

JARAGUÁ DO SUL. Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul. **Relatório**, orçamento e leis de 1951. p. 9.

JARAGUÁ DO SUL. Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul. **Relatório**: exercício de 1960. Jaraguá do Sul, [1961]

OLIVEIRA, Otair Fernandes de. **O municipalismo e a cultura política brasileira**. Disponível em <http://www.achegas.net/numero/quatorze/otais_oliveira_14.htm>. Acessado em 10/09/00

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SCHMÖCKEL, Eugênio Victor. No centenário de Artur Müller. **R. Inst. Hist. Geo. SC**, Florianópolis, n.14, p. 13 -29, 1995

SILVA, Emílio da. **O segundo livro Jaraguá do Sul: um capítulo na povoação do Vale do Itapocu**. Jaraguá do Sul: Edição do autor, 1975.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **Escola e memória**. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH; Ed. Universidade São Francisco, [2000].

STULZER, Frei Aurélio. **O primeiro livro do Jaraguá**. Niterói: [s.n.], 1973.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARATIN, Marc; Jacob, Christian. (Dir.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

BESSONE, Tânia Maria. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870–1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV E XVIII**. 2. ed. Brasília: UnB, 1998.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido cultura escrita: entre distinção e apropriação.** Campinas, SP: Mercado Aberto de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **A biblioteca “fora do tempo” políticas governamentais de bibliotecas públicas no Brasil, 1937–1989.** 220 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Escola de comunicação e Artes, Curso de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial.** 1999. 181f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SCHWACZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo César e COSTA, Angela Marques da. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 2.ed. São Paulo: Paz e terra, 1992.

ABSTRACT

The present work analyzes the way through which the Municipal Library Emilio Carlos Jourdan, understood as one of the reading contexts that preceded the constitution of the municipal library of Jaraguá do Sul city, was created in the 1940's. My claim is that the foundation of the Municipal Library Emilio Carlos Jourdan was based on a political-rhetorical discourse, without legislation, and that the library, consequently, did not resist the political impositions of its time and place. The data were obtained from the author's doctoral dissertation, which investigated this public library in the light of some of Cultural History's fundamentals; more specifically, the dissertation sought to understand, from a micro-historical approach, how a specific community constitutes its public reading space.

KEYWORDS: Municipal Public Library - History (Santa Catarina). Municipal Public Library – Discourses. History of the Book. History of the Library – Santa Catarina.

Originais recebidos em 07/06/2006.